



SOL

16-12-2017

Periodicidade: Semanal
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 58246

Temática: Política
Dimensão: 4275 cm²
Imagem: S/Cor
Página (s): 1/12 a 15

PAULA BRITO E COSTA PÕE VIEIRA DA SILVA EM XEQUE

↳ Págs. 12-15

PEDRO AZEVEDO

Política

RARÍSSIMAS COM CERCO APERTADO

Marta F. Reis
 marta.reis@sol.pt

Associação foi suspensa da rede europeia de doenças raras e está sem direção. Doações, que podem estar em risco, pesam quase tanto no orçamento da associação como o financiamento do Estado.

Ministério Público, Ministério do Trabalho e Segurança Social, IEFP, Autoridade para as Condições do Trabalho e Marcelo Rebelo de Sousa. As queixas sobre a gestão da Raríssimas por parte da fundadora e ex-diretora Paula Brito e Costa, que abriram uma nova crise no Governo, chegaram a várias entidades nas últimas semanas mas só tiveram consequências depois de uma reportagem da TVI no passado sábado, que expôs o caso. O MP e a Inspeção do Ministério do Trabalho, da Solidariedade e da Segurança Social confirmaram a abertura de inquéritos e, no espaço de uma semana, o escândalo provocou uma baixa no Governo. Deixou também a associação num impasse, sem direção e com os mecenas a retraírem-se nos donativos, alertaram os trabalhadores da Casa dos Marcos, a unidade de cuidados continuados explorada pela associação na Moita que teme falta de verbas para se manter em funcionamento.

De acordo com as últimas demonstrações financeiras da Raríssimas, referentes a 2016, os subsídios e doações pesam quase tanto no orçamento da associação como as vendas e serviços prestados, tanto na Casa dos Marcos como nas diferentes delegações. No ano passado, as vendas e serviços representaram um encaixe de 1.746.504,47 euros. Já os apoios e doações totalizaram 1.642.344,81. Destes, 889.112,87 foram subsídios do

Estado e de outras entidades públicas, essencialmente do Instituto de Segurança Social. As doações e heranças ascenderam a 731.520,72 euros.

O Estado não dispõe de uma plataforma que permita monitorizar o mecenato e doações no geral, quer ao Estado quer a Instituições Particulares de Solidariedade Social, como é o caso da Raríssimas.

Apenas no site Infarmed existe uma plataforma de transparência onde todas as entidades, públicas ou privadas, são obrigadas a declarar apoios da indústria farmacêutica, sendo que os laboratórios têm também de declarar os apoios, patrocínios e pagamentos que realizam.

De acordo com a informação publicitada, que o SOL analisou, este ano a Raríssimas ocupa o quarto lugar entre as associações que receberam mais donativos da indústria farmacêutica.

Tendo em conta apenas os apoios já validados, a associação recebeu patrocínios e donativos no valor de 33 mil euros. O ranking é liderado pela Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal (146.486 euros). Em segundo lugar surge a Positivo - Grupos de Apoio e Autoajuda (46.540) e em terceiro a APED - Associação Portuguesa para o Estudo da Dor (44.000 euros).

Aos valores já validados acresce, no caso da Raríssimas, outro donativo, o que elevará este ano os apoios dos laboratórios para



→ NÚMEROS

889,1

mil euros. Apoios do Estado à Raríssimas em 2016

731,5

mil euros. Heranças e doações à associação

39 mil euros, mais do que no ano passado. Até que ponto vão conseguir o mesmo apoio destes e de outros mecenas é a incógnita. Para já, a associação perde algum fôlego. Se até aqui era uma referência, ontem foi suspensa da Rede Europeia de Doenças Raras (EURORDIS).

Órgãos sociais eleitos a 3 de janeiro

A demissão de Paula Brito e Costa do lugar de presidente da direção foi oficializada na quarta-feira, depois da demissão do secretário de Estado da Saúde, Manuel Delgado, que além de ter sido consultor da associação antes de ir para o Governo terá viajado a convite da Raríssimas já enquan-

to governante e tinha uma relação pessoal com a fundadora da associação.

A Raríssimas só vai escolher novos dirigentes numa assembleia-geral marcada para 3 de janeiro, exatamente para eleger os órgãos sociais, anunciou Paulo Olavo Cunha.

Entretanto, foi tornado público que Paula Brito e Costa se mantêm em funções na Casa dos Marcos como diretora. Assumiu mesmo que só sairá se for despedida e indemnizada. Ainda assim, ontem a instituição, onde o SOL esteve, assegurava que a fundadora não se deslocava à Moita desde o início da semana. Continuam a trabalhar na Raríssimas o seu marido e o seu filho,



Paula Brito e Costa fundou a Raríssimas há 15 anos e lançou a primeira pedra da Casa dos Marcos em 2006

que Paula Brito e Costa chegou a declarar em reuniões serem os seus olhos e ouvidos dentro da instituição.

O escândalo surge numa altura em que a associação tem vários litígios em tribunal, entre os quais ações por causa de despedimentos, nomeadamente uma ação interposta pelo tesoureiro Jorge Nunes, um dos antigos funcionários que denunciou os gastos pessoais de Paula Brito e Costa e a contra-

tação do ex-secretário de Estado Manuel Delgado como assessor. Coincide também temporalmente com a altura em que era esperada uma deliberação final da Presidência de Conselho de Ministros sobre a intenção de Paula Brito e Costa de transformar a Raríssimas em fundação – atualmente é uma IPSS.

Numa fundação, Brito e Costa teria uma posição mais blindada na direção. Para o conselho de curadores, Paula Brito e Costa contava vir a ter Paulo Macedo, Maria Cavaco Silva, Rui Miguel Nabeiro (neto de Rui Nabeiro), José Ramalho Fortes (reitor da AESE) e Paulo Olavo Cunha.

Apesar das movimentações para avançar com a fundação, in-

clusive existe uma escritura já feita em 2015, esta pretensão tinha recebido recentemente parecer negativo do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social.

Entretanto o MP confirmou que também está a investigar a ex-vice-presidente da Raríssimas, Joaquina Teixeira, que abandonou a associação depois de uma auditoria externa ter levantado suspeitas na delegação do Norte, de que era responsável. Como o jornal *i* revelou esta semana, a auditoria às contas de 2016 da Raríssimas também alertou para o risco de fraude. Paula Brito e Costa declarou esta semana estar a ser vítima de uma cabala.

Com Ana Petronilho

Atitude de Brito e Costa não passava despercebida

Depois do escândalo, pais e funcionários têm receio de falar. Só pedem a garantia de que a Casa dos Marcos não vai fechar.

Era o dia de aniversário de Paula Brito e Costa e a ex-presidente da Raríssimas chegou-se de forma repentina ao pé de um grupo de pais que estava na receção da instituição da Moita e tirou uma *selfie*. «Nem nos deu tempo de dizer se queríamos ou não», contava ontem ao *SOL* Margarida Laygue, mãe de um dos utentes da Casa dos Marcos, que nunca foi apresentada à ex-presidente e apenas se cruzava com ela nos corredores.

Margarida recorda ter por várias vezes assistido às singularidades de Paula Brito e Costa – que, segundo os funcionários, não vai à instituição desde segunda-feira, apesar de o único carro estacionado dentro dos portões ser o que costumava conduzir. Margarida lembra-se especialmente da sua atitude com os funcionários, tendo mesmo chegado a dizer na receção que considerava inapropriado que o pessoal se levantasse à passagem da ex-presidente. Mas o que importa agora, diz esta mãe, é «saber separar as águas e não deixar que os utentes e os funcionários sofram as consequências de ações pelas quais não têm de responder».

Essa é a opinião geral que expressam ao *SOL* outras mães, funcionários e moradores da zona, que se confessam apreensivos com o futuro da associação e para quem essa é a verdadeira preocupação agora.

«Se a Casa dos Marcos fechar, não tenho onde pôr o meu filho», desabafa outra mãe que não quis ser identificada e cujo filho foi uma das primeiras crianças a ingressar na instituição, inaugurada em 2014. Elogia o trabalho dos técnicos, que são «incríveis», e pede ao governo que salve a Casa, «única no país».

Entre os funcionários, a maioria está receosa e não quer falar. Aqueles que falam, recusam identificar-se. «Assisti a situações de tensão com colegas meus, mas eu não tenho nada a dizer dela», diz uma funcionária. «As intenções da Dra. Paula eram boas e conseguiu grandes vitórias aqui, mas depois alguma coisa correu mal e descarrilou. Talvez o dinheiro lhe tenha subido à cabeça, ela é de famílias humildes...», acrescenta.

Para esta mulher, a maior necessidade é que venha agora «alguém competente» e que «o governo esteja atento, porque a Casa é uma família e os meninos precisam muito disto».

Outra mulher diz muito com poucas palavras – «sou empregada da limpeza aqui, viamos tudo e não viamos nada».

Algumas horas à porta da Casa chegam para perceber parte das necessidades. Uma carrinha traz fraldas e pensos, outra revela uma oferta feita já desde a criação. «Venho oferecer bolos aos meninos para o Natal. Nunca me cruzei com a senhora, mas a associação faz um bom trabalho e faz falta a estas crianças», diz um responsável da Confeitaria Perdigo. Mais tarde chega uma carrinha dos Bombeiros da Moita, que fazem o transporte de doentes para vários fins, como consultas médicas. Nas instalações dos Bombeiros, imediatamente atrás da Casa dos Marcos, a secretária garante ao *SOL* que este serviço – pago – «tem as contas em dia».

Nas imediações da Casa, ninguém está indiferente ao escândalo. A funcionária do café mais próximo admite que «não se fala doutra coisa aqui no bairro». Foi uma surpresa, diz, mas também ela nota que agora é preciso que alguém olhe pela instituição.

Uma mulher que por ali vive há 40 anos pede o mesmo: «Cruzei-me várias vezes com crianças e estavam sempre bem tratadas. Por favor não deixem que a Casa feche».

Beatriz Dias Coelho

Raríssimas elege novo presidente a 3 de janeiro

Política

ESCÂNDALO DA RARÍSSIMAS GERA STRESSE NO GOVERNO

Ana Sá Lopes
 ana.lopes@sol.pt

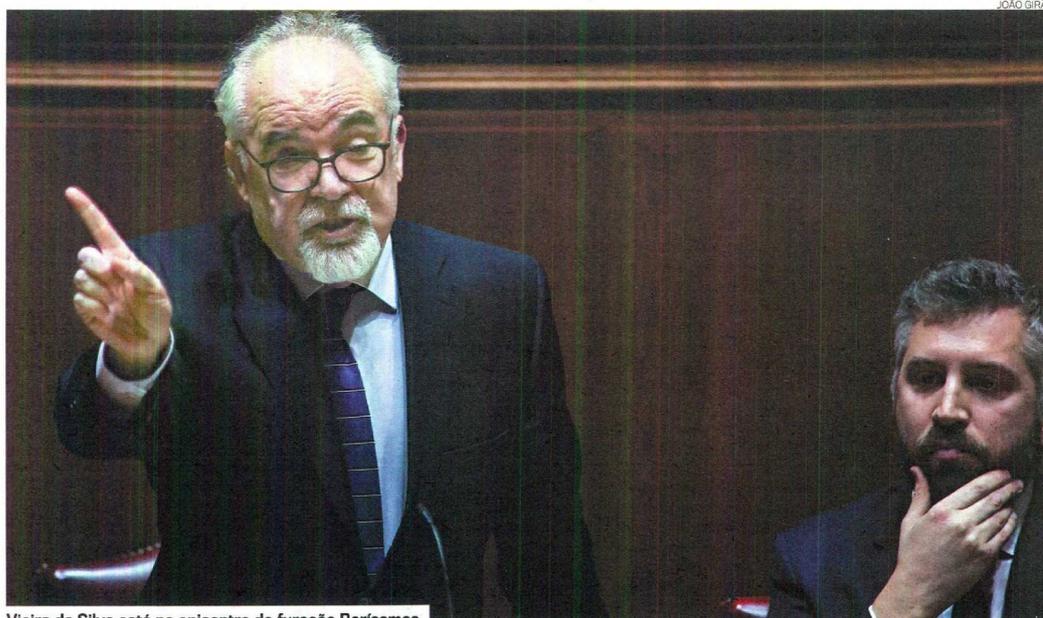
O nervosismo é grande por causa do escândalo. Há um enorme suspense sobre o que vai dizer Vieira da Silva no Parlamento na segunda-feira.

O caso Raríssimas já fez cair o secretário de Estado da Saúde, ex-consultor da Associação e amigo da ex-presidente, Paula Brito e Costa. Mas subsiste a dúvida se o furacão Raríssimas provocará ainda mais estragos dentro do Governo. A única coisa possível de afirmar, para já, é que o stress impera.

Até ao momento, dentro do Governo, dá-se por certo que o peso pesado Vieira da Silva é inamovível no cargo de ministro do Trabalho e da Segurança Social, apesar das várias contradições que já vieram a público relativamente à sua relação com a presidente da Raríssimas. António Costa, de resto, veio na quinta-feira manifestar «total confiança política» no ministro e ontem disse não conhecer «nenhum indício» sobre a existência de qualquer favorecimento político por parte do Governo à instituição.

Vieira da Silva repetiu várias vezes esta semana estar «de consciência tranquila». O PSD queria que o ministro fosse ouvido no Parlamento ainda esta semana – e a audição que estava pré-agendada para quinta-feira foi antecipada para segunda. Da parte do Governo, também foi sentida a necessidade de apressar a sessão.

Os nervos estão à flor da pele e o povo socialista (e também a aristocracia) está à espera do que Vieira da Silva terá para dizer na segunda-feira. Nos bastidores do PS, já correm teorias da sucessão: uma delas aponta para a possibilidade de, caso se comprove a necessidade de Vieira da Silva apresentar a demissão, poder vir a ser substituído por Pedro Marques, o atual ministro das Infraestruturas, que já tem experiência na



Vieira da Silva está no epicentro do furacão Raríssimas

casa – enquanto secretário de Estado de Vieira da Silva no Ministério da Segurança Social, participou na reforma da Segurança Social de 2007. Pedro Marques é um dos ‘valores seguros’ deste Governo, um nome não descartável para o futuro pós-Costa.

César Insatisfeito

Uma das curiosidades deste processo é ter sido o presidente do PS e líder parlamentar a afirmar, preto no branco, não estar satisfeito

‘Estou tranquilo mas não estou satisfeito. É preciso que tudo seja esclarecido’, disse Carlos César

com as explicações dadas pelo ministro Vieira da Silva. Foi o PS o primeiro partido a chamar o ministro ao Parlamento, mas o ministro diz que o PS o fez a pedido do Governo.

No seu programa semanal na TSF, Carlos César afirmou que «só explicações cabais podem circunscrever esse caso», já o ministro Vieira da Silva tinha feito uma conferência de imprensa prolongada, ao lado da sua secretária de Estado. Mas para o presidente do PS essas explicações terão sido insuficientes: «Estou tranquilo, mas não estou satisfeito. É preciso que tudo seja esclarecido e essa é a razão pela qual o grupo parlamentar do PS solicitou uma audição imediata do ministro de modo a que lhe sejam feitas todas as perguntas e que lhe seja proporcionada a possibilidade de

dar todas as respostas que tem o dever de dar».

E o ministro, que tem o «dever» de dar essas explicações, disse: «Espero com toda a vontade a chegada do momento em que na Assembleia da República, que é o sítio certo, poderei prestar todos os esclarecimentos que os deputados me queiram colocar», disse o ministro, na quinta-feira, à saída de uma conferência. «Estou completamente tranquilo com a minha atuação ao longo dos anos, quer fora, quer dentro do Governo e responderei a todas as questões», garantiu José António Vieira da Silva, ao mesmo tempo que definia que a preocupação fundamental era «concretizar tão rápido quanto possível a inspeção que está a ser feita à instituição e à sua gestão».

O PSD acusou o Governo de ter falhado no caso Raríssimas, no-

meadamente «na ação de fiscalização», depois de já terem vindo a público notícias de que teriam chegado denúncias ao Ministério de Vieira da Silva e também à Presidência da República. «Porque é que só agora, depois de uma louvável reportagem televisiva, se mandou fazer inspeção à Raríssimas? Porque é que durante meses chegaram denúncias e ninguém agiu?», interrogou-se a deputada social-democrata Clara Marques Mendes.

Assunção Cristas afirmou que «há esclarecimentos que têm que ser prestados». «Temos de perceber em que medida o Ministério estava ou não estava atento, recebeu ou não recebeu denúncias, atuou em conformidade com essas denúncias, ou simplesmente não atuou e foi conivente com aquela atuação», disse a líder do CDS.

→ FRASES

António Costa

Primeiro-ministro
«[Mantenho] inequívoca e total confiança política no ministro Vieira da Silva, que é um ministro com muita experiência e com grande capacidade»

Vieira da Silva

Ministro do Trabalho e Segurança Social
«Estou absolutamente tranquilo com o meu comportamento»

Carlos César

Líder parlamentar do PS
«Estou tranquilo, mas não estou satisfeito (...) Só explicações cabais podem circunscrever esse caso»

Clara Marques Mendes

Deputada do PSD
«O Governo falhou. O rosto desse falhanço é o ministro Vieira da Silva»

Carlos Abreu Amorim

Deputado do PSD
«É demasiado estranho que [Vieira da Silva] nunca tivesse sabido de nada sobre aquilo que se passava à sua volta»

Hugo Soares

Líder parlamentar do PSD
«Já várias vezes o primeiro-ministro garantiu a confiança política absoluta nos seus ministros e secretários de Estado e no dia seguinte eles saíram»

Assunção Cristas

Presidente do CDS
«Temos de perceber em que medida o Ministério estava ou não estava atento, recebeu ou não recebeu denúncias, atuou em conformidade com essas denúncias, ou simplesmente não atuou e foi conivente com aquela atuação»

José Soeiro

Deputado do BE
«É preciso haver toda a investigação sobre este caso, mas nós perderíamos uma oportunidade se este alerta, que é lançado a partir deste caso, não contribuisse para discutirmos um problema mais profundo, que é a fiscalização dos protocolos de cooperação da Segurança Social com instituições privadas»

As perguntas que a oposição vai fazer

Luís Claro

luis.claro@sol.pt

PSD e CDS enviaram um conjunto de perguntas a Vieira da Silva. O ministro prometeu esclarecer tudo nesta segunda-feira

O ministro Vieira da Silva vai ser ouvido já na próxima segunda-feira na Assembleia da República sobre a polémica em torno da Raríssimas. Não é difícil prever que as perguntas mais duras vão surgir da parte do PSD e CDS, que já apontaram o dedo ao ministro do Trabalho e da Segurança Social pelo «falhanço» do Governo na fiscalização desta associação que apoia crianças e adultos com doenças raras.

O PSD foi o primeiro a enviar um requerimento ao Executivo em que antecipa algumas questões que carecem de resposta. Os sociais-democratas querem saber «desde quando tem o Governo, nomeadamente o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, conhecimento das denúncias de irregularidades da gestão da Associação Raríssimas». O PSD pergunta ainda ao ministro que tutela a Segurança Social «que medidas foram tomadas e em que data» e «se ainda não foram tomadas que razões ditaram essa inação».

O CDS também enviou, durante esta semana, seis perguntas a Vieira da Silva. O partido de Assunção Cristas quer saber, em pri-

meiro lugar, quantas denúncias sobre a gestão da Raríssimas recebeu o Ministério.

Os centristas querem também que o governo esclareça «desde quando começou a receber denúncias, nomeadamente qual a data da primeira de todas».

E acrescenta outra pergunta relacionada com a informação que o Ministério do Trabalho e Segurança recebeu: «dessas denúncias quantas versavam sobre irregularidades de gestão e quantas versavam sobre meras irregularidades».

Outra questão com que Vieira da Silva vai ser confrontado, na audição na Assembleia da República, nesta segunda-feira à tarde, é quando é que foi realizado «o primeiro ato fiscalizador» à Associação Raríssimas.

Por outro lado, os deputados centristas vão também questionar o ministro sobre se «foi ou não realizada uma auditoria ou ação de acompanhamento financeiro durante os últimos dois anos». Vieira da Silva falou três vezes sobre o caso durante a semana, mas guardou «todos os esclarecimentos» para a ida ao parlamento.



DIANA TINDICO

Vieira da Silva vai ao parlamento dar mais explicações